
ENUNCIÇÃO

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA UFRRJ

Temporalidade e beleza: *exaiphnês* no *Banquete* de Platão*

Alonso Tordesillas**

Tradução de Edson Peixoto de Resende Filho
(UFRRJ)

Resumo: O advérbio *exaiphnês* significa “subitamente”, “de repente”, “de improviso” e “instantaneamente”. Embora só apareça no corpus platônico em um pequeno número de ocorrências, muitas vezes, surge em contextos que envolvem, mais ou menos, explicitamente, uma reflexão sobre o conhecimento. Isolado de seu contexto dialógico, esse momento de tempo que parece/é fora do tempo, pois foi frequentemente reproduzido pelos comentadores como proveniente de uma intuição subtraída de qualquer temporalidade, significando, assim, uma quase revelação, e, por isso, o indicador da extratemporalidade das Ideias. Reavaliando essa interpretação, o artigo propõe analisar as ocorrências dessa noção no *Banquete*, examinando o contexto do diálogo e também do que é conhecido sobre este conceito nos outros diálogos platônicos, o momento aparentemente descrito no *Banquete* como suprarracional ocorre em um elo de um processo racional, e que, conseqüentemente, um conhecimento extático se articula com sua determinação temporal. Apenas um método que prossiga em ordem e corretamente permitirá aproveitar o inesperadamente, o de repente, “uma beleza de tal natureza maravilhosa”. O momento que determina a mudança é um evento pontual, mas está ligado a uma longa e progressiva preparação, portanto, nós não podemos chegar a um conhecimento eidético imediatamente. Mesmo se Platão parece considerar a possibilidade de tal conhecimento extra temporal, o que o *Banquete* mostra, é a impossibilidade de alcançá-lo diretamente através de uma intuição noética pura, pois ele requer um processo pontuado por uma série de etapas específicas que não são separáveis do final do processo, de modo que, longe da intuição imediata, o conhecimento que estamos discutindo neste diálogo, como na *República*, no *Crátilo*, no *Parmênides* ou na *Carta VII* é, pelo contrário, dianoético e racional. Se a

* Uma versão ligeiramente diferente deste artigo apareceu no Simpósio de Proceedings of the Platonicum, realizado em Pisa de 15 a 20 de julho de 2013, sob o título: “Le beau, une nature merveilleuse, une vision soudaine (*Banquet*, 210 e 2 – 211 d 1)”, in: M. Tulli-M. Erler (eds.), *Platon in Symposium. Selected Papers from the Tenth Symposium Platonicum*, Sankt Augustin, Academia Verlag [“International Plato Studies”, 35], 2016, pp. 315-320.

** Professeur à l’Université d’Aix-Marseille, Chaire d’Histoire de la philosophie ancienne; Directeur de l’Institut d’Histoire de la philosophie.

intuição noética existe, ela não tem uma conotação extática e suprarracional, mas é precedida pela pesquisa metódica e rigorosa, que é a base de toda pesquisa filosófica e que caracteriza o modo de proceder que Platão denomina de dialética.

Palavras-chave: Ideia, Temporalidade, Educação, Dialética, *Banquete*, Platão.

Résumé : L’adverbe *exaiphnês* signifie “soudainement”, “tout soudain”, “à l’improviste”, “instantanément”. Bien qu’il n’apparaisse dans le corpus platonicien que dans un nombre réduit d’occurrences, il apparaît souvent dans des contextes qui impliquent de manière plus ou moins manifeste une réflexion sur la connaissance. Isolé de son contexte dialogique, ce moment du temps hors du temps est souvent présenté par les commentateurs comme relevant d’une intuition soustraite à toute temporalité voire comme une quasi révélation et comme l’indicateur de l’extra-temporalité des idées. Revenant sur cette interprétation, l’article se propose d’analyser les occurrences de cette notion dans le *Banquet* et de montrer, par l’examen du contexte du dialogue, et à l’épreuve de ce que l’on sait de la notion d’*exaiphnês* par d’autres dialogues de Platon, que le moment apparemment décrit dans le *Banquet* comme supra-rationnel est en fait le terme d’un processus rationnel et par conséquent démontrer comment s’articule une connaissance présentée comme extatique avec sa détermination temporelle. Seule une méthode qui procède par ordre et correctement permettra de saisir à l’improviste et tout soudain “une certaine beauté d’une nature merveilleuse”. L’instant qui détermine le changement d’ordre est bien un événement ponctuel, mais il est lié à une préparation longue et progressive et on ne saurait parvenir à une connaissance éidétique de manière immédiate. Même si Platon semble envisager la possibilité d’une telle connaissance extra-temporelle, ce que montre le *Banquet* est qu’il n’est pas possible d’y parvenir directement par une pure intuition noétique, mais qu’elle requiert un processus scandé par une série d’étapes précises qui ne sont pas séparables du terme du processus, en sorte que, loin de relever d’une intuition immédiate, la connaissance dont il est question dans ce dialogue, comme dans la *République*, le *Cratyle*, le *Parménide* ou la *Lettre VII*, est, bien au contraire, dianoétique et rationnelle. Si intuition noétique il y a, celle-ci n’a pas une connotation extatique et supra-rationnelle, mais est précédée d’une recherche méthodique et rigoureuse, laquelle est au fondement de toute recherche philosophique et caractérise cette manière de procéder qu’on désigne chez Platon par le terme dialectique.

Mots-clés : Idée, Temporalité, Education, Dialectique, *Banquet*, Platon

Do conjunto relativamente reduzido de ocorrências do termo ἐξαίφνης nos diálogos de Platão (36 ocorrências distribuídas em 9 diálogos, às quais se acrescenta a famosa passagem da *Carta VII*), as linhas 210e, dedicadas a ele no *Banquete*, estão entre as mais célebres, articulando um conhecimento que se apresenta aqui como extático com a sua determinação temporal.

No *Banquete* encontramos quatro ocorrências de ἐξαίφνης em momentos chave do diálogo: o primeiro, em 210e4, no discurso de Diotima; o segundo, por ocasião da aparição de Alcibiades, em 212c6, quando chega, visivelmente embriagado, e pede para

participar do banquete, porque ele tem “verdades para dizer” (212d-e; 213a1) 1); o terceiro, em 213c1, refere-se à presença de Sócrates no momento em que menos se esperava (213c1-2); finalmente, a quarta e última ocorrência, no quase encerramento do *Banquete*, em 223b2, quando, depois do louvor a Sócrates por Alcibiades, subitamente, aparece uma turma numerosa que se junta ao banquete, e o diálogo termina aí.

Isolada de seu contexto dialógico, a noção de *ἐξαίφνης* tem sido considerada como um conceito metafísico supremo, indicativo da extratemporalidade das ideias. Além da passagem de terminologia quase mística do *Banquete*, as duas passagens da *Carta VII* (341c7 e 344e) defendem um conhecimento que seria extático e suprarracional, brotando na alma como uma chama que nasce da fâisca (341c7) após longos esforços e discussões (344b7)¹.

Giorgio Pasquali², em páginas penetrantes, enfatiza, assim como Adolfo Levi³, que esse conhecimento é, pelo contrário, dianoético e racional. Ambos acentuam que Platão fala de um caminho (*ὁδός*) para se conduzir, que leva das coisas às ideias e, a partir delas, à ideia mais elevada. Na passagem do *Banquete* (210a4), Diotima, no discurso em que se refere a Sócrates, designa o advérbio *ἐξαίφνης* a esta instantaneidade que se afina com a afirmação de que o Belo não se mostra como discurso, mas a um conhecimento não discursivo. Entretanto, se a passagem descreve, em termos que certamente se insere no domínio da iniciação como o acesso “súbito” ao Belo, ela descreve também, antes de tudo, os primeiros passos pelos quais aquele que é iniciado nos mistérios de Eros alcança essa súbita visão do belo em si mesmo, em outras palavras, qual é o caminho que leva à ideia⁴. Esta visão tem sido algumas vezes apresentada como uma intuição subtraída de toda temporalidade, até mesmo como uma quase revelação, e, certamente, a terminologia utilizada pela sacerdotisa de Mantinea

*Uma versão ligeiramente diferente deste artigo apareceu no Simpósio de Proceedings of the Platonicum, realizado em Pisa de 15 a 20 de julho de 2013, sob o título: “Le beau, une nature merveilleuse, une vision soudaine (*Banquet*, 210 e 2 – 211 d 1)”, in M. Tulli-M. Erler (eds.), *Platon in Symposium. Selected Papers from the Tenth Symposium Platonicum*, Sankt Augustin, Academia Verlag [“International Plato Studies”, 35], 2016, pp. 315-320.

¹Cf. J. Stenzel, *Studien zur Entwicklung der Platonische Dialektik von Sokrates zu Aristoteles : Aretè und Diáresis*, Breslau, 1917, 1931², pp. 63 sqq.

²G. Pasquali, *Le lettere di Platone*, Firenze, 1938, 1967², p. 75.

³Cf. A. Levi, “Sull’importanza che Platone attribuiva ai propri scritti e sul valore che essi hanno come espressione del suo pensiero”, *Rendiconti dell’Istituto Lombardo*, 59, 1936, pp. 381-391 et pp. 615-624.

⁴O termo “ideia” no sentido tradicional da ideia platônica não é encontrado no *Banquete*. Ver, V Di Benedetto, “Eros/conoscenza in Platone”, in *Platone. Simposio*, Milano, 1985, p. 41.

resulta de um discurso iniciático⁵. Se olharmos mais de perto, vemos que, no entanto, só se consegue chegar a essa visão do belo em si corretamente, em etapas (ἐφεξῆς τε καὶ ὀρθῶς)⁶, e o advérbio ὀρθῶς retorna três vezes poucas linhas abaixo (210a2, 219a4, 210a6). É manifesto, portanto, como Michele Abate⁷ acertadamente aponta, que Platão ao enfatizar a importância desta noção de correção refere-se a um método de pesquisa específico e adequado, único método apropriado de se ter acesso ao Belo em si.

Na ausência de um tal método, nenhum acesso é possível ao Belo em si. O método correto é aquele que permite se elevar, por etapas, da percepção da beleza sensível de um belo corpo àquela da unidade da beleza, sempre sensível, de todos os belos corpos, para se chegar à inteligência da beleza das ciências e dos conceitos (211c). Esta passagem e aquela que a precede (210a-210 c) preparam certamente a aparição do advérbio ἐξαίφνης, e toda a passagem é escandida por uma série de termos temporais. Cada uma das etapas que percorre aquele que se encaminha corretamente para este fim (210a5) procedendo por etapas a partir de um belo corpo que ele começa a amar e produzindo assim belos raciocínios (201a8) é anunciada por um advérbio de tempo ou por partículas indicando divisões temporais (“mas, em seguida”, [ἔπειτα δέ], 210a8; “isto compreendido” [τοῦτο δ' ἐννοήσαντα], 210 b 3-4; “depois disto” [μετὰ δὲ ταῦτα], 210b6 “mas depois” [μετὰ δέ] 210c6)⁸. Aquele que é conduzido pela educação a este ponto πρὸς τὰ ἐρωτικά (210e2) perceberá subitamente (ἐξαίφνης) algo maravilhoso e naturalmente belo (ἐξαίφνης κατόπεται τι θαυμαστὸν τήν φύσιν καλόν, 210 e 4-5). É este percurso que Platão descreve como uma trajetória rigorosa a qual é possível indicar as diferentes etapas e sua especificidade:

“Quando um homem tiver sido conduzido até este ponto pela instrução (παιδαγωγηθῆ) cujas coisas do amor (τὰ ἐρωτικά) são o fim, quando ele contemplou (θεώμενος) coisas belas (τὰ καλά), gradualmente e corretamente (ἐφεξῆς τε καὶ ὀρθῶς), esse, doravante no caminho para o término da escola amorosa (τῶν ἐρωτικῶν) perceberá (κατόπεται) subitamente (ἐξαίφνης) uma certa beleza de uma natureza maravilhosa (τι θαυμαστὸν τήν φύσιν καλόν), a mesma que eu estava falando, Sócrates, e que, aliás, foi precisamente a razão

⁵M Abate, “Riflessione su alcune ricorrenze del termine *exaiphnes* in Platone”, *Athenaeum*, 100, 2012, pp. 93-110, faz uma análise detalhada das passagens de ἐξαίφνης onde o termo aparece igualmente em um contexto de inspiração; cf. p. 98.

⁶M Abate, “Riflessione...”, *op. cit.*, p. 98, observa que em outras passagens de Platão, que ele analisa, o termo ὀρθῶς aparece, inclusive na referência à *Teogonia* de Hesíodo.

⁷M Abate, “Riflessione...”, *op. cit.*, p. 108, note 47.

⁸Cf. G Casertano, “Il (in) nome di Eros. Una lettura del discorso di Diotima nel *Simposio* platonico”, *Elenchos*, XVIII-2, 1997, pp. 277-310 ; cf. pp. 303-304, particularmente p. 303, nota 27.

para todos os esforços (πόντοι) que a precederam; beleza que primeiramente (πρώτον) pertence a uma existência que a cada vez (ἀεί) escapa à geração e à destruição, o aumento e diminuição; que não é bela neste momento e feia no outro, ou às vezes bela e às vezes não, nem bela aqui e feia lá, nem bela sob tal relação e feia sob tal outra” (210 e 2-211 5).

É claro que, nesta passagem, a visão, a contemplação desta beleza não é o resultado de uma inspiração ou de uma revelação instantânea, mas inteiramente aquela de uma instrução, de uma educação – o termo é dito –, e, se há intuição noética, esta não tem uma conotação extática e suprarracional, mas é preparada por uma pesquisa metódica e rigorosa, a qual está no fundamento de toda investigação filosófica e caracteriza a maneira socrática de proceder.

Ainda que a linguagem utilizada tenha relação com o campo da iniciação, a intuição noética direta e instantânea do Belo em si requer um longo percurso, que se caracteriza por um certo número de etapas e de momentos precisos, definidos e específicos. É então, parece, impossível alcançar um conhecimento intuitivo da realidade eidética de maneira súbita e imediata sem seguir um caminho rigoroso.⁹

O que sabemos sobre o conceito de ἐξαίφνης nos outros diálogos permite mostrar que o momento aparentemente descrito no *Banquete* como suprarracional é de fato o termo de um processo racional e é somente a partir de uma análise do próprio processo temporal que Platão pode extrair esta natureza estranha (ἄτοπον), estupefaciente, indescritível e enigmática do “subitamente”, do “instantaneamente” da ἐξαίφνης, que descreve o *Parmênides* (155e3 - 157b4, ver 156e5). O caráter aparentemente contraditório que coloca em tensão o discurso racional e a visão – diremos extática – sinalizado pelo o termo ἐξαίφνης é devido a uma análise dialética insuficiente, análise dialética que seria a única capaz de mostrar claramente que o caráter indescritível e fugaz da noção reside principalmente no fato de que ela imobiliza o momento de um processo que, como tal, não pode ser separado de todos os outros momentos.

Reinserindo esta visão no contexto do diálogo, fica evidente que apenas um método que proceda com ordem e corretamente (ἐφεξῆς τε καὶ ὀρθῶς) - e o termo ὀρθῶς, como já dissemos, é recorrente nesta passagem - permitirá apreender o inesperadamente e o subitamente (ἐξαίφνης) “uma certa beleza maravilhosa por natureza”, imutável e subtraída de toda a forma de devir. É claro que o momento que

⁹Cf. M Abate, “Riflessione...”, *op. cit.*, p. 108.

determina a mudança de ordem é, de fato, um evento pontual, mas ele está ligado a uma longa e progressiva preparação que requer uma verdadeira educação. Isso equivale a dizer que não se pode alcançar um conhecimento eidético de modo imediato. Mesmo se este modo de conhecimento é dado como extático, como recorda a análise do advérbio ἐξαίφνης que dá Aristóteles em *Física* IV, 13, mesmo que ele não seja exprimível da mesma forma que as outras formas de conhecimento, e mesmo que Platão pareça considerar a possibilidade de um tal conhecimento extra temporal, o que é indicado nesta passagem, é que não é possível alcançá-lo diretamente, mas apenas por um processo pontuado por uma série de etapas precisas que não são separáveis do final do processo, e que um conhecimento intuitivo seria precário, pois não incluiria as mediações necessárias para uma pesquisa capaz de se justificar pelo seu próprio método¹⁰.

A visão epóptica da beleza que advém após o termo da jornada erótica tem sua contrapartida em outros diálogos. Na *República*, o Bem também aparece no final de um percurso, em uma apreensão noética (532b1) que, como no *Banquete* é indicada pelo termo ἄπτεσθαι (*Banquete* 211b8, *República*, 511b6). Não é necessário rever as várias etapas da *República*, amplamente comentadas por Giorgio Pasquali, basta dizer que a dialética, ou mais precisamente a διαλέγεσθαι (τῆ τοῦ διαλέγεσθαι δυνάμει, diz o texto, a potência, o método dialético), refere-se na *República* (511; 533 e - 534 a) ao mais alto conhecimento, aquele da νόησις, que permite ir diretamente, e sem recorrer a outra coisa, às ideias, e isso leva a um contato (ἄψασθαι: 527) e uma visão (ὁρᾶται: 532a-534b) que não depende da διάνοια. Portanto, não é por um acaso que é dito que os jovens que descobrem a dialética se servem dela para dilacerar, e, portanto, a dialética tem um risco inerente: a destruição do τοῦ διαλέγεσθαι δύναμις. É significativo que no *Banquete* em 209e e ss, no discurso de Diotima, a dialética não é mencionada, e a beleza não se diz como forma. Comentadores falam frequentemente de εἶδος para esta passagem, mas a palavra “ideia” não se encontra no *Banquete*; no entanto, há μονοειδές e αὐτὸ καθ' αὐτό que a ela remetem (ver 211b1-3). É provável que, para Platão, falar de εἶδος implicaria produzir um discurso sobre os processos cognitivos que levam ao belo e resultaria no problema da articulação das εἶδη entre elas, enquanto no *Banquete*, o Belo aparece como um ponto terminal, o termo de um processo.

¹⁰Cf. Cf. M Abate, “Riflessione...”, *op. cit.*, p. 100.

É interessante notar que na *República*, como no *Banquete*, esse conhecimento mais elevado se conjuga com um vocabulário de visão, que poderia remeter a “revelação” ou “intuição”, e um vocabulário de “contato” que é necessariamente uma abordagem mais sensível. Essas metáforas táteis permitem insistir no fato de que o mais alto conhecimento, o que é dado pela própria visão da beleza em si, jamais é desvinculado de uma experiência sensível. Para se convencer disso, basta lembrar a repentina chegada de Alcibiades ao final do banquete, o que mostra que o sensível nunca está excluído.

Na *Carta VII* também, o autor da carta, quando descreve os estágios no final dos quais a ciência aparece quando a centelha inflama a chama, e então se alimenta de si mesma, enfatizará esse contato e enfatizará que o súbito momento de queimação é o resultado de um longo contato e discussão, e ele usa o termo *τριβή* (rotina) às vezes associado a *ἐμπειρία*, termos que designam uma prática e um exercício no final do qual pode ser realizado o que é procurado, assim como os atletas cuja façanha buscada, se ocorre em um instante, é o resultado de uma preparação perfeitamente rigorosa.

As outras ocorrências de *ἐξαίφνης*, a que aparece com a irrupção emocional de Alcibiades (212 c 6) e a que fecha o *Banquete* (223 b 2), também nos lembram que o sensível nunca é deixado de fora nesta ascensão, caso contrário, não entenderíamos porque o diálogo não cessaria após o discurso de Diotima.

Nós estamos, em termos de conhecimento, no *Banquete*, ante uma abordagem do mesmo tipo que na *República* ou na *Carta VII*, e o resultado desta etapa é a cada vez assinalado pelo termo *ἐξαίφνης*, de modo que esta visão sempre se encaixa em um processo que requer um método de pesquisa. Que este método de pesquisa conduza a um estágio que é um momento, se não uma quebra, no mínimo um salto, não significa que ele deva ser separado de todo o itinerário que o precede. Isto é tanto e tão mais verdadeiro, que toda a descrição das etapas que conduzem passo a passo a essa contemplação, de 210a4 e até 210e1, é apresentada em uma frase que torna essas etapas dependentes de um *δεῖ γάρ ...* inicial: “O que é preciso é ...”. Com efeito, no momento da ascensão ao belo o projeto educacional não é mencionado, e o que é enfatizado é a fruição desta captura excepcional do belo puro absoluto e não misturado¹¹, mas ainda

¹¹ Algo semelhante acontece no *Fedro*, onde a singularidade da multiplicidade é dada em um movimento de progressão, no qual o momento anterior é necessário antes do momento seguinte, que é o da captação e da apreensão. Veja sobre esta questão e sua relação com o *Banquete*: L.C.H. Chen, “Knowledge and beauty in Plato’s *Symposium*”, *The Classical Quarterly*, n.s. 33, 1983, pp. 6-74; L.C.H. Chen, *Acquiring*

que o próprio momento em sua imprevisibilidade determina uma mudança, e o momento que determina essa mudança é um evento pontual, ele não deixa de estar ligado a uma preparação longa e progressiva, que requer uma educação sólida e firme.¹²

A instantaneidade atribuída a essa visão não é inconsequente, pois ela implica a questão do conhecimento eidético. No final da jornada (211 a 7), não há mais discursos (λόγος) nem ciência (ἐπιστήμη) desta beleza alcançada e apreendida. Em que consiste esse ato cognitivo? Platão não o comenta. E se procurarmos uma descrição discursiva do ato, não a encontramos. Mas, como o Bem na *República*, o Belo no *Banquete* depende de uma visão cuja unidade, mesmo que seja difícil de entender, parece necessária e deve ser admitida. Do ponto de vista do discurso, a descrição desse fim é alusiva, e a pessoa permanece com apetite quanto à sua completude. Platão usa um futuro aqui para dizer que isso acontecerá, e na *Carta VII* ele usa aoristos para indicar momentos pontuais irredutíveis, mas ele não descreve o momento em si mesmo.¹³ Mas, ao mesmo tempo, essa imperfeição pode ser interpretada como uma exortação para ir além. A pesquisa não é uma questão de misticismo, mas de uma racionalidade, que a faz ir indo continuamente, garantindo a cada vez sua certeza. Existe um antes desta visão, mas também um depois. A visão é de início precedida por λόγοι e διανοήματα, antes que pela ênfase na importância do que se seguirá (210 e 1-2), a saber, o momento decisivo que marca uma aquisição definitiva: há um termo e um momento preciso, fixo e seguro do percurso.

Mas o fato de que essa visão súbita, esse deslumbramento, é precedido por uma longa e intensa busca de um tipo racional sugere que se essa ascensão, ao final da qual, sem dúvida, chegamos a esse conhecimento deslumbrante, é de maior importância do que o todo, é também o prelúdio de uma atividade intelectual prolongada semelhante à descida descrita na *República* (511b 7 - c 2)¹⁴. Que esta atividade seja discursiva é óbvio

knowledge of the Ideas. A study of Plato's method in the Phaedo, the Symposium and the central books of the Republic, Stuttgart, 1992. Sobre a questão da fruição, ver V Di Benedetto, "Eros/conoscenza ...", *op. cit.*, p. 47.

¹² Gostaria de agradecer aqui ao Sr. Stanislao Allegretti que me indicou a proximidade dessa experiência individual com o que é chamado de insight na psicologia. Quando Archimedes exclama εὕρηκα, este momento de descoberta é obviamente único e não reproduzível, é ἐξαίφνης, mas isso não significa que ele seja o resultado de um longo estudo, pesquisa e preparação prévia. Francesco Fronterotta também faz referência a esta questão em: F. Fronterotta, "La visione dell'ideadelbello. Conoscenza intuitiva e conoscenza proposizionale", in: A. Borges de Araújo Jr. – G. Cornelli (eds.), *Il Simposio di Platone: un banchetto di interpretazioni*, Napoli, 2012, pp. 97-114.

¹³ Para toda esta questão ver: B. Centrone "Introduzione" in *Platone. Simposio*, Traduzione e commento di Matteo Nucci, Introduzione di Bruno Centrone, Torino, 2009, pp. XXXIII-XXXIV.

¹⁴ B Centrone, "Introduzione"..., *op. cit.*, p. L.

e é isso que a intervenção de Alcibíades lembra referindo-se aos discursos de Sócrates (221 c-d). Platão não relata o momento após essa visão. Ele dificilmente ultrapassa essa indicação e não descreve um retorno, como o faz na *República*, embora indique que, uma vez atingido esse momento e uma vez atingida essa visão do belo, o filósofo “não irá gerar simulacros (εἰδῶλα) de virtudes, mas as verdadeiras virtudes, porque teria tido contato com a verdade” (212a4-7). Isso indica bem que haverá uma após essa visão súbita e que este após reencontrará uma forma de racionalidade, mesmo que essa racionalidade seja transformada pela súbita visão do belo.

Embora os limites da condição humana impossibilitem antecipar esse momento, isso não significa que essa “fusão” exclua toda racionalidade, a fala de Alcibíades que menciona o ἀντιλέγειν está ali para lembrá-lo. Sem dúvida, a captura intuitiva não é racional no sentido demonstrativo ou hipotético-dedutivo do termo e, nesse sentido, é para-racional, mas para-racional não significa antirracional. O que Platão indica metaforicamente e, sem ir além, é a necessidade de qualquer discurso racional assegurar seu próprio fundamento. E isso não é uma afirmação simples, mas um modo de vida, porque qualquer homem pode, por imperfeito que seja por causa de sua condição mortal e suas limitações antropológicas, até onde ele se aplica, alcançar a imortalidade: “Todo indivíduo é mortal, tanto em seu corpo como em sua alma, mas ele pode em sua vida mortal alcançar uma certa imortalidade, porque ele pode se erguer e alcançar o lugar imortal do conhecimento”¹⁵.

Ao dizer que somente a quem é educado apropriadamente aparece “subitamente” (ἐξαίφνης, 210e4) a visão do belo, as páginas dedicadas à análise dessa aparição dão uma lição de boa educação.

¹⁵G Casertano “In cerca dell’anima nel *Simposio*”, in: A. Borges de Araújo Jr. – G. Cornelli (eds.), *Il Simposio di Platone: un banchetto di interpretazioni*, Napoli, 2012, pp. 53-75; p. 65. Ver também p. 65, nota 44, e p. 67-68, nota 49.